



ATIVIDADE DE PESQUISA COMO METODOLOGIA DE ENSINO DA DISCIPLINA LIBRAS PARA OS DISCENTES INDÍGENAS DA UFNT DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

RESEARCH ACTIVITY AS A TEACHING METHODOLOGY IN THE LIBRAS COURSE FOR INDIGENOUS STUDENTS AT UFNT DURING THE COVID-19 PANDEMIC



Fabiane Silva Barroso



Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Brasil

Cícero da Silva



Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Brasil.

Resumo: Na Universidade Federal do Norte do Tocantins, campus de Tocantinópolis – a qual concentra um número significativo de discentes indígenas de diferentes povos, sobretudo Apinajé – os estudantes indígenas ficaram confinados em suas aldeias durante a pandemia da COVID-19, exigindo dos docentes o uso de diferentes estratégias de ensino para atender a esse alunado em 2020 e 2021. Em 2021, ofertou-se a disciplina Libras no formato remoto exclusivamente para os discentes indígenas. Assim, este artigo objetiva descrever o uso da pesquisa como estratégia de ensino aos indígenas. Para realizar esta descrição, valeu-se do relato de experiência como metodologia de pesquisa. Os achados deste estudo revelam que os sinais utilizados pelos indígenas surdos do povo Apinajé diferem significativamente daqueles empregados na Libras, apontando para a relevância de investigações futuras voltadas à pesquisa e à docência, ao ensino de populações indígenas e ao mapeamento de possíveis línguas de sinais emergentes em diferentes contextos socioculturais.

Palavras-chave: Apinajé; Língua indígena de Sinais; Libras.

Abstract: At the Federal University of Northern Tocantins, Tocantinópolis campus – which has a significant number of Indigenous students from different peoples, especially the Apinajé people – indigenous students remained confined to their villages during the period of the pandemic (2020 and 2021), requiring professors to use different teaching strategies to meet the needs of these students. In 2021, the Libras module was offered exclusively to Indigenous students remotely. Thus, this article aims to describe the use of research as a teaching strategy for Indigenous students. To conduct this description, we have used an experience report as our research methodology. Our findings reveal that the signs used by Deaf Indigenous members of the Apinajé people differ significantly from those used in Libras, highlighting the importance of future investigations focused on research and teaching, as well as on the education of Indigenous populations and the mapping of possible emerging sign languages in different sociocultural contexts..

Keywords: Apinajé; Indigenous Sign Language; Libras.



1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o processo de ensino-aprendizagem tornou-se o tema central de muitos questionamentos, deixando de ser apenas a transferência de conhecimento por parte dos professores e convertendo-se em um processo de construção mútua do conhecimento. Assim, abandonou-se de lado a ideia da educação como uma simples técnica de reprodução e transmissão de conhecimento para uma educação libertadora que enfatize a autonomia dos alunos (Freire, 1996). Mas, para que isso de fato seja implementado na sala de aula, faz-se necessário que o docente saiba lidar com os novos desafios da contemporaneidade, buscando soluções criativas que despertem o interesse dos discentes.

Neste sentido, esclarecemos que este artigo visa descrever as atividades de pesquisa utilizadas pela docente e primeira autora deste trabalho durante o desenvolvimento das aulas da disciplina Língua Brasileira de Sinais – Libras voltada exclusivamente aos discentes indígenas da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, Centro de Educação, Humanidades e Saúde – CEHS, no primeiro semestre de 2021, em meio ao cenário pandêmico da COVID-19¹. O CEHS da UFNT de Tocantinópolis/TO possui atualmente cinco cursos de graduação, sendo eles: Pedagogia, Educação Física, Ciências Sociais, Direito e Educação do Campo - com habilitação em Artes (Artes Visuais, Artes Cênicas e Música). A graduação em Educação do Campo possui um grupo considerável de discentes indígenas de diferentes povos, quais sejam: Canela, Gavião, Krikati, Xerente e Apinajé, este último sendo a maioria.

A presença dos alunos indígenas na sala de aula, inclusive, foi a mola motriz da dissertação intitulada: “Educação Escolar de Indígenas Surdos: Um olhar para o contexto Apinajé” de Barroso (2022), cuja autora é docente da UFNT, e em uma turma anterior foi indagada pelos alunos indígenas sobre como seria o processo de aprendizado da língua de sinais pelas crianças surdas que viviam nas aldeias do povo Apinajé. Essa pergunta – considerada simplória – desencadeou uma série de questionamentos que precisavam e ainda exigem ser respondidos, dentre eles: i) será que existe uma língua de sinais própria do povo Apinajé? ii) se existir, como é o processo de aquisição da língua de sinais por parte das crianças surdas

¹ A COVID-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O isolamento social foi uma das estratégias utilizadas para conter o avanço da pandemia no Brasil, incluindo o isolamento dos povos indígenas. Informações disponíveis em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 15 dez. 2023.

indígenas? e, por fim, iii) como será que funciona o processo de educação escolar dos indígenas surdos Apinajé?

[...] o projeto inicial desta pesquisa era confirmar a existência ou não de uma língua de sinais Apinajé. No entanto, devido ao cenário pandêmico da Covid-19 que ainda vivemos, esbarramos no óbice de realizar um estudo etnográfico nas terras indígenas que se encontram em isolamento social. Assim sendo, todo trabalho campo previsto no projeto original precisou ser revisto e adaptado à realidade atual, passando a ser, uma pesquisa bibliográfica, documental e de cunho etnográfico (Barroso, 2022 p.16).

Nota-se que Barroso (2022) realizou um estudo bibliográfico sobre a educação escolar dos indígenas surdos Apinajé devido as restrições impostas pela pandemia da COVID-19, deixando para um segundo momento o mapeamento da possível língua de sinais utilizada por esses indígenas. Neste sentido, vale lembrar que no primeiro semestre de 2021 o isolamento social dos povos indígenas ainda existia e que as visitas de campo às aldeias continuavam suspensas. Diante dessas limitações, para realizar a coleta de dados preliminares para a continuidade do estudo, a autora valeu-se de uma prática docente, que consistia em envolver os graduandos do Curso de Educação do Campo com a pesquisa.

Inicialmente, a docente da UFNT apresentou à coordenação do Curso de Educação do Campo a proposta para a oferta da disciplina Libras exclusivamente para os alunos indígenas aldeados. Com o aval da coordenação, as aulas da disciplina tiveram início no primeiro semestre de 2021 no formato remoto², cuja turma foi composta por 18 alunos indígenas, em sua maioria pertencentes ao povo Apinajé. Vale esclarecer que, como a disciplina foi ofertada pela Licenciatura em Educação do Campo, o Projeto Pedagógico do Curso “busca trabalhar a partir da Pedagogia da Alternância enquanto pressuposto metodológico que envolve a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão” (UFT, 2018, p. 34).

Orientadas pelos princípios da Alternância, as atividades acadêmicas do curso acontecem em dois tempos formativos distintos, quais sejam: i) o Tempo Universidade, que é o momento em que os discentes assistem, participam das aulas e recebem o conteúdo teórico das disciplinas; e ii) o Tempo Comunidade, que é o momento em que os discentes regressam a sua comunidade, no caso dos indígenas, as suas aldeias, para aplicar ou desenvolver alguma atividade ou projeto encaminhado pelos docentes das diferentes disciplinas do curso (Silva *et al.*, 2017). A organização didático-pedagógica em regime de alternância tem o respaldo do Parecer CNE/CEB nº 1/2006 (Brasil, 2006), que prevê dias letivos organizados em tempo

² O ensino no formato remoto contempla aulas mediadas por videoconferências, trabalhos de pesquisa, leitura de artigos acadêmicos, dentre outros recursos metodológicos.

universidade e tempo comunidade, com etapas presenciais (equivalentes a semestres de cursos regulares) e etapas vivenciadas no próprio ambiente social e cultural dos estudantes. Com esta organização em mente, a disciplina Libras foi pensada da seguinte maneira:

Quadro I: Divisão dos tempos da disciplina Libras

Tempos	Datas	Descrição
Tempo Universidade	26/06/2021 a 10/07/2021	Apresentação do vocabulário básico da Libras, Leitura e fichamento de artigos sobre as diferentes línguas de sinais indígenas e orientações sobre atividade de pesquisa.
Tempo Comunidade	18/07/2021 a 01/08/2021	Coleta de dados nas aldeias.
Tempo Universidade (Retorno)	07/08/2021 a 14/08/2021	Organização e apresentação dos dados coletados.

Fonte: dados da pesquisa (2021).

Antes de darmos continuidade à descrição das atividades realizadas durante esta disciplina, faz-se necessário explicarmos que a metodologia utilizada neste artigo é o Relato de experiência - RE, que consiste no registro descritivo das experiências vivenciadas através de uma redação crítico-reflexiva. O suporte teórico-metodológico deve permear o RE como um todo, fazendo com que o texto ultrapasse a descrição da experiência vivida e seja valorizado pelo esforço acadêmico-científico explicativo (Mussi; Flores; Almeida, 2021).

Os autores destacam que em um RE é preciso deixar claros alguns itens, sendo o primeiro deles a data do acontecimento e duração do tempo da atividade, “pois trata-se de um período temporal, que pode indicar o “contexto do que fora realizado”, podendo ser “pertinente” para “outros trabalhos” e “a ausência desta informação pode não situar o leitor de quando ocorreu a ação relatada, bem como o contexto social” (Mussi; Flores; Almeida, 2021, p. 67). Sendo assim, vale enfatizar a informação contida no Quadro I, ou seja, a ação ocorreu entre os dias 26 de junho de 2021 a 14 de agosto de 2021, em meio a pandemia da COVID-19. Outro aspecto refere-se ao ambiente e, no nosso caso, a experiência ocorreu de forma remota com os discentes indígenas, em especial, os do povo Apinajé como parte integrante da disciplina curricular dos cursos de graduação da UFNT.

Vale esclarecer também que a docente responsável pela disciplina é uma professora surda e contava com o suporte de um tradutor e intérprete de Libras para mediar as aulas remotas realizadas pela plataforma *Google Meet*. O suporte comunicacional entre a professora e os alunos indígenas era realizado via aplicativo de mensagens de texto, *WhatsApp*. Nesse contexto é que lançamos a pergunta norteadora desta RE, uma vez que os povos indígenas de modo geral

vivem afastados dos grandes centros Urbanos, com acesso limitado aos recursos tecnológicos e com uma conexão de internet precária. Diante desse cenário, cabe uma pergunta: quais foram as ferramentas metodológicas utilizadas pela docente para conduzir a disciplina pelo viés da pesquisa? Para responder à questão central do RE, partiu-se do seguinte objetivo geral: Descrever o uso da pesquisa como uma estratégia de ensino da disciplina Libras com discentes indígenas do povo Apinajé.

2 A DISCIPLINA LIBRAS NO CONTEXTO DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

O Projeto Pedagógico de Curso (PPC) da Licenciatura em Educação do Campo – Artes (UFT, 2018) já prevê a disciplina Libras em cumprimento à Lei 10.436, de 24 de abril de 2002 (Brasil, 2002), e Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (Brasil, 2005). O primeiro documento oficializa a Libras como meio de comunicação e expressão dos surdos brasileiros e o segundo apresenta as diretrizes para a implementação de políticas públicas voltadas para a difusão da Libras e a garantia dos direitos dos surdos à educação e saúde, por exemplo:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério (Brasil, 2022, grifo nosso).

A Licenciatura em Educação do Campo incorporou a disciplina Libras em sua grade curricular desde a primeira turma do curso em 2014. Entretanto, nem a ementa, nem as referências bibliográficas da referida disciplina foram modificadas nas atualizações do PPC do curso que ocorreram nos anos de 2016, 2018 e 2023. Além das informações acima mencionadas, Souza (2021) também apresenta reflexões sobre a necessidade de se aumentar a carga horária da disciplina no intuito de oferecer aos futuros professores ferramentas metodológicas para a educação de surdos, e não apenas os aspectos que constam na ementa.

Introdução: aspectos clínicos, educacionais e sócio-antropológicos da surdez. Educação de Surdos e às principais abordagens educacionais. Visões sobre os surdos e a surdez. Bilingüismo dos Surdos - aquisição da linguagem e desenvolvimento da pessoa surda; A Língua de Sinais Brasileira - Libras:

características básicas da fonologia. Inclusão educacional de alunos surdos. Noções básicas sobre Libras (UFT, 2018, p. 100).

Logo após a apresentação da ementa feita devidamente na primeira da aula de Libras em 2021, partimos para a definição dos objetivos da disciplina conforme descritos no Plano de ensino. Objetivo geral: Fornecer subsídios teóricos e práticos sobre a Libras e a respeito das particularidades da pessoa surda (dentre elas os indígenas surdos), de modo a contribuir com a formação dos discentes para o exercício da docência em salas de aula com alunos surdos. E dentre os específicos estavam: i) Oportunizar momentos de conversação em Libras; ii) Conhecer as diferentes abordagens relacionadas a educação de surdos; iii) Familiarizar os discentes com as legislações relacionadas a Libras e a comunidade surda, e, iv) Discutir as diferentes metodologias e estratégias para o ensino de alunos surdos.

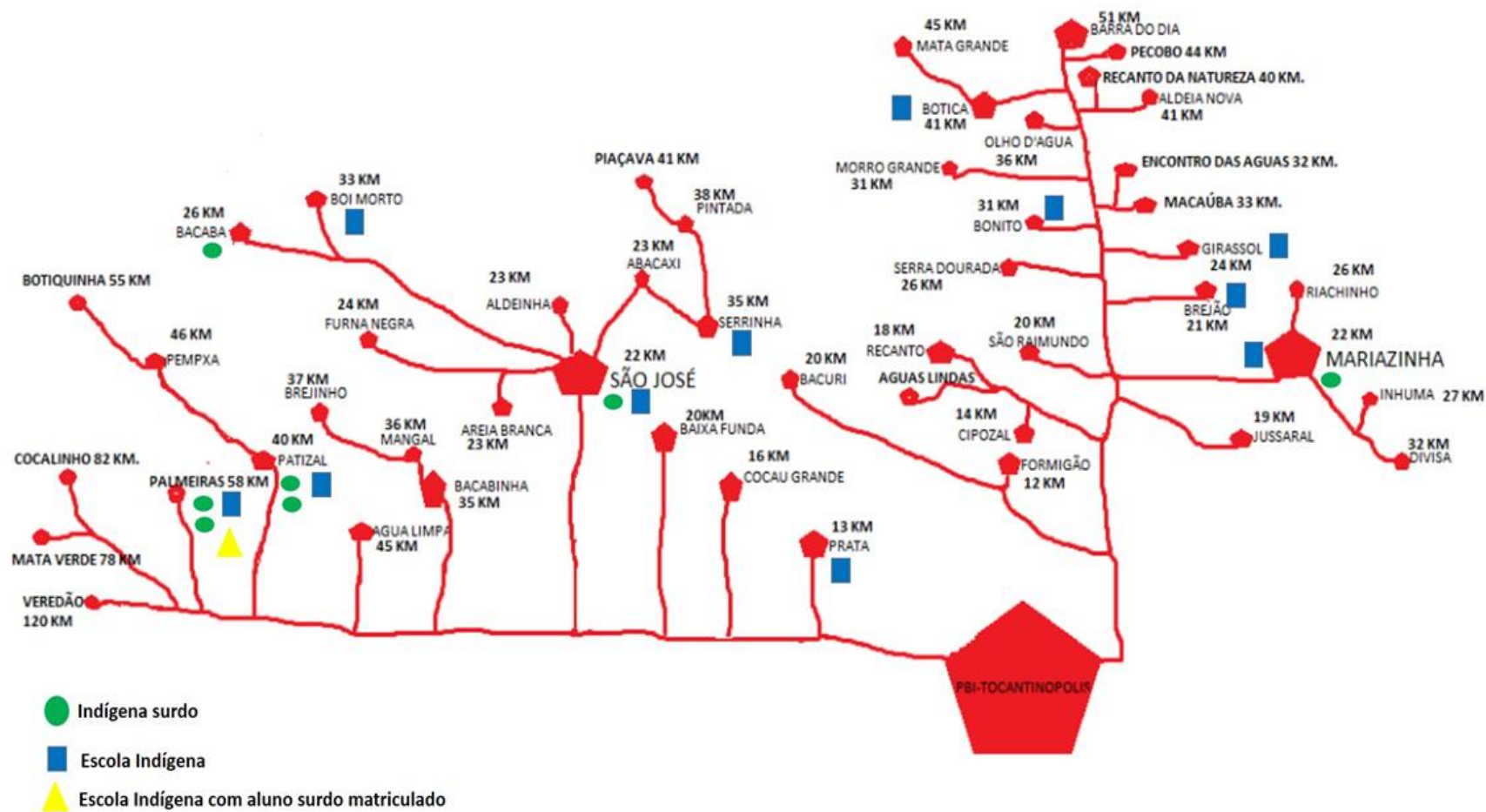
No Plano de ensino também constava a metodologia de ensino prevista para ser utilizada pela docente e, por se tratar de uma disciplina ministrada de forma remota, estavam previstos encontros síncronos e atividades assíncronas. Os encontros síncronos foram conduzidos por meio da plataforma *Google Meet*, com aulas expositivas e dialogadas. Já as orientações aos alunos foram realizadas pelo *WhatsApp*. No que se refere às atividades assíncronas, houve estudos dirigidos com base em artigos científicos relacionados à temática dos indígenas surdos de diferentes povos e duas atividades de pesquisa, o mapeamento dos indígenas surdos do povo Apinajé e a identificação dos sinais usados por tais indígenas surdos em suas aldeias. É, justamente na descrição destas atividades de pesquisa, que o RE será endossado.

3 O USO DA PESQUISA COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE DISCENTES INDÍGENAS

Severino (2008, p. 21) salienta que envolver os discentes “com as práticas teóricas e empíricas da pesquisa” é uma excelente maneira de se alcançar os objetivos de aprendizagem, pois o graduando precisará lidar com os “procedimentos sistemáticos de produção do conhecimento científico”. O autor salienta ainda a necessidade de o professor valorizar a pesquisa como parte integrante do ensino. Porém, o docente precisa ter a consciência das dificuldades e limitações do processo na realização de uma pesquisa e das limitações dos alunos iniciantes nesse campo de atuação. Logo, caberá ao professor a tarefa de orientar, coorientar e acompanhar todo o trabalho.

Com esta premissa em mente, foram propostas as duas atividades de pesquisa citadas, a saber: i) o mapeamento dos indígenas surdos do povo Apinajé, e; ii) a identificação dos sinais usados por tais indígenas surdos em suas aldeias. A primeira proposta visava confirmar os dados que Barroso (2022) já havia catalogado por meio da pesquisa documental realizada junto ao Polo Base de Saúde indígena de Tocantinópolis, subdivisão dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas – DSEIs do Estado do Tocantins. O resultado dessa atividade foi a confirmação do quantitativo de 07 indígenas surdos identificados pela autora, conforme apresentado na Figura 1:

Figura 1 - Aldeias, escolas e indígenas surdos



Fonte: DSEI/TOC (2021) adaptado por Barroso (2022)

A segunda proposta consistia na identificação e no registro dos sinais utilizados pelos sete indígenas surdos, sendo que tais sinais foram registrados pelos discentes indígenas que tinham acesso às aldeias por meio de fotos e vídeos que se encontram armazenados em uma pasta da disciplina localizada no *Google Drive*. Para a realização da atividade, os discentes se valeram das seguintes ferramentas metodológicas: i) uma pesquisa de campo, que é a investigação focada na observação, coleta de dados, análise e interpretação dos resultados; ii) o diário de campo, ou seja, o instrumento utilizado para se anotar as informações obtidas no momento da coleta de dados, e, iii) a coleta de dados em si, feita por meio do registro em fotos e vídeos (Gil, 2002).

Para a reprodução dos sinais coletados pelos discentes, Barroso (2022) optou por usar a sua própria imagem para a construção da sua dissertação, tendo em vista que a atividade com os discentes se tratava de uma atividade de ensino, um estudo preliminar e que ainda não havia sido submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da universidade. A seguir, apresentamos uma amostra do resultado do mapeamento da possível língua de sinais Apinajé:

Figura 2 - Sinal de fogo usado pelos indígenas Apinajé



Fonte: Barroso (2022, p. 63).

Note que o sinal identificado pelos discentes reflete a cultura do povo Apinajé, que precisa abanar o fogo com um instrumento feito de palha e assoprar, neste caso, podemos dizer que o sinal é icônico. Também é possível fazer uma descrição mínima dos parâmetros das línguas de sinais utilizadas para se fazer este sinal de fogo: i) mão dominante com a configuração de mão em 4, ii) movimento da mão dominante é de um lado para o outro, iii) a orientação da palma da mão é para dentro. Em relação a mão esquerda, ou mão passiva também é possível fazer a descrição de tais parâmetros: i) configuração da mão em “o”, ii) sem movimento e, a iii) orientação da mão voltada para dentro em direção ao corpo. O sinal é realizado no espaço neutro e a expressão facial faz alusão ao ato de assoprar o fogo. Na sequência, vejamos a representação em Libras na Figura 3:

Figura 3 - Sinal de fogo em Libras



Fonte: Capovilla; Raphael (2004).

Já na Libras, o sinal representativo de fogo refere-se às chamas do fogo e não ao objeto que produz o fogo. Pode-se dizer que, de acordo com a cultura não indígena, este sinal também apresenta traços icônicos, demonstrando-se ainda que as duas mãos têm a mesma configuração de mão e o mesmo movimento dos dedos. A seguir, selecionamos para este RE mais um exemplo das diferenças entre a possível língua de sinais Apinajé e a Libras:

Figura 4 - Sinal de homem usado pelos indígenas Apinajé

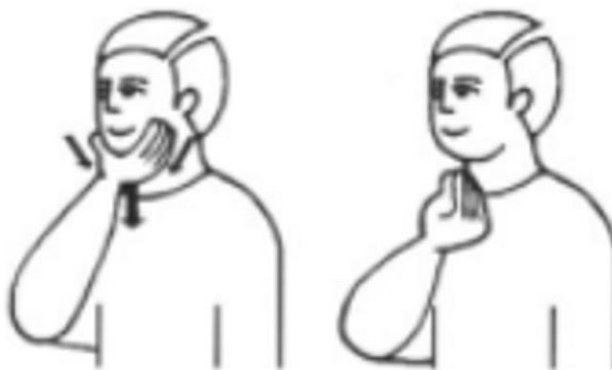


Fonte: Barroso (2022, p. 67).

Novamente, percebe-se através da Figura 4 uma representação cultural no sinal empregado pelos indígenas Apinajé, tendo em vista que havia o costume de se cortar os cabelos dos homens do Povo utilizando uma machadinha. Embora hoje, provavelmente este traje cultural não esteja tão presente nesta cultura, devido ao contato com as tecnologias dos não indígenas, o sinal ainda preserva esta relação. O sinal de ‘homem’ é feito apenas com uma das mãos e representa o ato de cortar o cabelo: i) a configuração da mão dominante está em “B”, ii) o movimento da mão simula os raspar o lado da cabeça, iii) o ponto de articulação é a lateral da cabeça, iv) a orientação da palma da mão é para dentro, e v) expressão facial é neutra. Observe,

na Figura 5, a diferença da representação do sinal de homem na Libras, uma vez que o destaque está na barba.

Figura 5 - Sinal de homem em Libras



Fonte: Capovilla; Raphael (2004).

Nos dois exemplos é possível perceber a diferença entre os sinais de ‘fogo’ e ‘homem’ na possível língua de sinais Apinajé e na Libras. O estudo preliminar realizado pelos discentes indígenas que cursavam a disciplina Libras conseguiu obter evidências a partir dos dados coletados que justificassem a continuidade da pesquisa de Barroso (2022). Para a autora, ainda não é possível confirmar ou não a existência de uma língua de sinais entre o povo Apinajé, mas espera-se que novos estudos deem conta de fazer tal investigação.

Contudo, é possível afirmar que as atividades de pesquisa propostas possibilitaram aos discentes indígenas a introdução a iniciação científica em busca da mudança de sua própria realidade, conduzindo-os a uma consciência crítica sobre a necessidade de se voltar o olhar para esta parcela da população indígena que vive segregada dentro do seu próprio povo, pois a problematização reflexiva possibilita uma educação libertadora. Na perspectiva freiriana,

[...] a educação problematizadora está fundamentada sobre a criatividade e estimula uma ação e uma reflexão verdadeira sobre a realidade, respondendo assim à vocação dos homens que não são seres autênticos senão quando se comprometem na procura e na transformação criadoras (Freire, 1979, p. 81).

Para o autor pernambucano, o processo educacional é o resultado da ação reflexiva feita por cada um de nós, no contato com o outro, de modo que nos educamos mutuamente por meio das nossas relações sociais. Vale ressaltar ainda que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, ou seja, “não existe docência sem discência”, de modo que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina

ao aprender” (Freire, 1996, p. 12). Nesse sentido, a construção do conhecimento é um processo coletivo e que se dá na interação social.

4 REFLEXÕES FINAIS

Ao iniciar esta seção, buscamos definir primeiramente: o que é a docência? A resposta a esta pergunta é baseada em uma visão construtivista do conhecimento, em que a docência pode ser compreendida como uma:

[...] **ação educativa** e como processo pedagógico intencional e metódico, envolvendo conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos, conceitos, princípios e objetivos da formação que se desenvolvem na construção e apropriação dos valores éticos, linguísticos, estéticos e políticos do conhecimento inerentes à sólida formação científica e cultural do ensinar/aprender, à socialização e **construção de conhecimentos** e sua inovação, em **diálogo constante entre diferentes visões de mundo** (Brasil, 2015, Art. 2. par. 1, grifos do autor).

Assim sendo, é preciso lembrar que “ensinar exige disponibilidade para o diálogo”, ainda mais quando estamos considerando culturas tão tradicionais como as dos povos indígenas. Além do saber citado acima, Freire (1996) aponta que o trabalho do docente exige criatividade e a aceitação do novo, de modo que o saber docente deve ser usado para trazer soluções aos entraves que porventura surjam em sala de aula, sendo que tais saberes devem ser

[...] mobilizados e empregados na prática cotidiana, saberes esses que dela se originam, de uma maneira ou de outra e que **servem pra resolver os problemas dos professores em exercício e para dar sentido às situações de trabalho** que lhes são próprios (Tardif; Raymond, 2000, p. 211, grifos dos autores).

Para Tardif (2011 p.102), os saberes docentes são plurais e temporais, adquiridos ao longo da trajetória pessoal iniciada na infância, na escola, na formação profissional e no ingresso na docência. Tais saberes estão relacionados à história de vida, sendo saberes advindos dos grupos e instituições sociais que o docente participa. Neste sentido, vale lembrar que a docente que ministrou a disciplina para os indígenas é surda e tem como objeto de pesquisa de mestrado e doutorado os indígenas surdos do povo Apinajé.

Oliveira (2021, p. 21) complementa a ideia da pluralidade do saber docente, ao dizer que os saberes docentes são “o modo como professores/as enquanto produtores/as de conhecimentos interpretam, se posicionam e pensam o ensino”. É importante pensar o ensino,

de modo a levar os alunos (nesse caso, os discentes indígenas) a encontrarem sentido no que estão estudando, conduzindo-os a reflexão que entre o seu próprio povo existe um campo muito vasto de conhecimento e de possibilidades de pesquisas.

Ao revisitarmos a pergunta norteadora deste RE, a saber, quais foram as ferramentas metodológicas utilizadas pela docente para conduzir a disciplina pelo viés da pesquisa?, percebemos que a professora se valeu da experiência didática prévia com uma outra turma de indígenas, quando ao ser questionada por eles sobre a questão da aquisição da língua de sinais pelas crianças indígenas surdas. Neste sentido, vale a pena refletir sobre o fato de, apesar da docente ser surda, ela precisou “ouvir” os questionamentos dos alunos, para que dois anos mais tarde fosse possível desenvolver um trabalho de iniciação científica.

Metodologicamente, fez-se necessário apresentar aos discentes o passo a passo da pesquisa científica, do trabalho e de produção do diário de campo, bem como da melhor forma de se fazer o registro dos sinais de modo respeitoso e ético. É interessante dizer que embora não seja possível confirmar a existência de uma língua de sinais própria do povo Apinajé, este experimento serviu de inspiração para a continuidade do trabalho de Barroso (2022), de modo que a pesquisa de doutorado da professora é intitulada: “Língua indígena Apinajé de sinais: a marca da iconicidade como princípio organizador do léxico”, sendo que a conclusão ocorreu em 2026.

No que se refere a descrição da atividade de pesquisa como uma estratégia de ensino da disciplina Libras com discentes indígenas do povo Apinajé, notou-se que é preciso respeitar o saber e o tempo dos povos tradicionais. Que para a educação não indígena fazer sentido para os indígenas é preciso relacionar com o seu dia a dia, assim como, no caso da disciplina Libras, foi preciso adequar o ensino da ementa para poder atender as necessidades específicas dos alunos. Assim, esperamos que novos estudos possam contemplar a questão do engessamento das disciplinas a partir das suas ementas e as diferentes estratégias de ensino criadas pelos docentes para ultrapassarem este obstáculo.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Fabiane Silva. **Educação escolar de indígenas surdos: Um olhar para o contexto Apinajé**. 2022. 98f. Dissertação (Mestrado em Letras: Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/4340>. Acesso em: 23 maio 2025.

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098,

de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 20 out. 2023.

BRASIL. **Decreto-lei n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 20 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP nº 2 de 1º de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>. Acesso em: 25 out. 2023

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 1/2006, aprovado em 1º de fevereiro de 2006**. Estabelece diretrizes para os dias letivos para a aplicação da Pedagogia de Alternância nos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12741-ceb-2006>. Acesso em: 28 out. 2023.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Bispo de Almeida. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060. Acesso em: 23 out. 2023.

OLIVEIRA, Kátia Luzia Soares. **Ensino de história indígena: saberes docentes nos portais educacionais da web (2011-2019)**. 2021. 254 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/42431>. Acesso em: 23 maio 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Ensino e pesquisa na docência universitária: caminhos para a integração**. USP - Faculdade de Educação. 2008. Disponível em: http://www.prg.usp.br/wp-content/uploads/antonio_joaquim_severino_cadernos_3.pdf Acesso em: 10 out. 2023.

SILVA, Cícero da *et al.* Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música: trajetória e desafios na Região do Bico do Papagaio, Brasil. **Revista Triângulo**, Uberaba, v. 10, n. 1, p. 73-95, jan./jun., 2017. DOI: <https://doi.org/10.18554/rt.v10i1.2186>. Disponível em:

<https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistatriangulo/article/view/2186>. Acesso em 19 set. 2025.

SOUSA, Géssica Milena Simith. **Formação de Professores: uma análise da relevância da disciplina língua brasileira de sinais como parte do currículo do Curso de Educação do Campo de Tocantinópolis - TO**. 2021. 81f. Monografia (Graduação em Educação do Campo) - Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/4136>. Acesso em: 20 out. 2023.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis: Vozes, 2011.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 73, p. 209-244, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000400013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Ks666mx7qLpbLThJQmXL7CB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 maio 2025.

UFT. UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Licenciatura em Educação do Campo, Câmpus de Tocantinópolis (Atualização 2018)**. Tocantinópolis: UFT, 2018. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://docs.uft.edu.br/share/proxy/alfresco-noauth/api/internal/shared/node/GIJdxQ6xTf2JhxAGscSVQ/content/37-2018%2520-%2520Atualiza%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520do%2520PPC%2520de%2520Licenciat%2520em%2520Educa%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520do%2520Campo,%2520C%25C3%25A2mpus%2520de%2520Tocantin%25C3%25B3polis.pdf&ved=2ahUKEwj_y8yPsr mNAXVGpZUCHWD1LHcQFnoECB8QAQ&usg=AOvVaw0j5B_kc_2s7TbFLmyE6uBi. Acesso em: 23 maio 2025.

Submissão em: 19/07/2025

Aprovação em: 05/05/2026